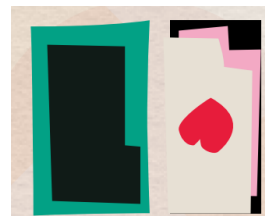


Sobre o amor: da paixão à *mourre*♦

Marcus André Vieira



Em seu vigésimo seminário, Lacan retoma e ressitua toda uma série de elementos com relação ao amor a partir da introdução, na experiência psicanalítica, daquilo que, da vida em nós, não se inscreve.

No cotidiano, experimenta-se a presença de um excesso que insiste – aquilo que nomeamos, com Lacan, *gozo*. Uma fração deste gozo pode se localizar, incorporar-se ainda que de modo paradoxal - dentro e fora ao mesmo tempo - em um objeto íntimo e estranho, objeto *a*, *êxtimo*, que produz, repetidamente, encontro e desencontro, fascinação e angústia.

Ocasionalmente, esse gozo apresenta-se deslocado, puro desassossego entre assombro e êxtase. Aproximado inicialmente a partir da condição sem lugar do feminino na cultura dita ocidental, a este gozo Lacan reserva, neste seminário, a expressão *Outro gozo*, ou ainda *gozo suplementar*.

A consideração deste Outro gozo no trabalho analítico leva a uma série de consequências. Gostaria de explorar algumas delas com relação ao amor, motor da transferência.

Desde o início de seu ensino Lacan deixa claro como em lugar da busca de um acasalamento ideal com a cara metade, ou mesmo de um sujeito com seu objeto complementar, apresenta-se o encontro de um corpo com aquilo que o excede. A partir de seu décimo seminário, será formalizado o objeto *a*, ferramenta conceitual que nos permite abordar este excesso como parceiro, mesmo que impossível. Nos termos de Lacan, sob o "um mais um que, de dois, fazem Um" do amor vamos encontrar o "um mais *a*". Finalmente, a partir do seminário 20, Lacan destaca como o amor encontra, em seus encontros com o Outro gozo, um modo de resolução chamado de um *novo amor*.

Proponho que tentemos situar este novo amor – de abordagem difícil - de maneira indireta.

Neste caminho - limitado a uma faceta do amor e sem nenhuma pretensão de exaustividade – vamos seguir um pouco na contramão. Ao invés de partir do novo amor, investigaremos o “velho”, na tentativa de conseguir um vislumbre da estrutura do amor que seria legítimo esperar do final de uma análise.

Buscaremos primeiramente investigar os caminhos do amor tal como ele se dá na experiência comum, como sonho de U(m)nião. Como se faz casal? Em outros termos, se o amor é a ilusão do

♦ Esse texto foi redigido há duas décadas a partir de notas deixadas de lado em minha tese de doutorado. A ideia de uma publicação em nossos dias exigiria que tudo fosse reescrito. Decidi apenas acrescentar uma introdução, esperando que o leitor possa encontrar, em meio ao tanto que no texto é datado, algo ainda de interesse.

Versão reduzida publicada como: Vieira, M. A. Pedra, tesoura, papel, amor. Boletim Cartas de amor – XIII Jornadas da EBP São Paulo, 2025. Disponível em: < <https://ebp.org.br/sp/jornadas/xiii-jornadas-jogos-do-amor-parcerias-contemporaneas/boletim/> >

Um, quais os mecanismos de materialização e eternização desta promessa de unificação? Qual a estrutura da ilusão que faz do circuito pulsional constitutivo a miragem de unificação de um sujeito a partir de sua cara metade? Ou, como perguntava Lacan em *O Aturdido*, "como fazer deles [d'eux], dois [deux]?" Só então vamos circunscrever a maneira como uma análise pode propiciar novas parcerias, a partir do novo modo de relação que ela instaura entre sujeito e gozo.

Usarei como chave de leitura a tensão entre o amor e a paixão. Partiremos assim da proposição 'o amor é uma paixão', o que implica em uma interrogação quanto ao estatuto da paixão e, nesta, do lugar que ocupa o amor.

Vamos concluir nosso percurso usando o jogo da *mourre* - algo entre pedra, tesoura e papel e a "porrinha" - como paradigma do modo de surpresa contingente que ao mesmo tempo é conexão e que se relaciona com a proposta lacaniana de um novo no amor a partir da psicanálise.

Entre *Liebe* e *Verliebtheit*

Começemos por delimitar a complexidade no modo como Freud utiliza os termos *Liebe* e *Verliebtheit* traduzidos, habitualmente, por "amor" e "enamoramento". Se o primeiro encontra um campo semântico relativamente equivalente ao do amor em português, já o segundo perde na tradução seu caráter passional. Estar amando pode ir bem mais longe do que enamorar-se, sendo necessário dizer-se apaixonado, ou ainda, perdidamente apaixonado.

Em 1910, em seu texto sobre a psicanálise selvagem, Freud considera inútil insistir em uma distinção entre amor e sexualidade. O amor seria o componente psíquico da sexualidade - que pode ser inibida (e quase sempre o é), mas está sempre presente. Com o termo *Liebe*, ainda seguindo Freud, estamos nos referindo ao mesmo tempo tanto ao sexo quanto ao amor. No mesmo sentido - e de forma ainda mais explícita -, ele indica em 1921, em "Psicanálise das massas..." que *Liebe*, a seu ver, pode resumir as esferas tanto do sexo quanto da ternura, enfatizando que: se a língua criou a palavra *Liebe* em suas múltiplas acepções, o melhor é tomá-la como tal.

Podemos, entretanto, acompanhar outro caminho conceitual que não segue na mesma direção. Em 1915, em "Pulsões e destinos das pulsões", ele trata de maneira diferenciada as pulsões e o amor - este é o único que é examinado à parte, capaz de se inverter em seu oposto. Freud retoma aqui uma noção já indicada desde 1905, no caso do Homem dos Ratos, quando distingue *Liebe* e *Verlibtheit*, apontando para o fato de que o enamoramento passional operaria por pares opostos, enquanto o amor, como universo próprio, não.

Parece, então, que Freud situa com *Liebe* tanto o Eros-Um, de completude - que segue o mito platônico-, quanto a paixão: sempre amor-ódio ou *amódio* (*hainamouration* seguindo o neologismo lacaniano), violenta e, por vezes, destrutiva. Porém, é legítimo também supor que, com a tensão entre *Liebe* e *Verlibtheit*, ele indica e isola duas vertentes do amor: a ideal e a passional. Apesar de nenhuma destas duas vertentes ser incompatível com o registro pulsional, a clivagem entre a vida amorosa e a vida sexual, que responde ao recalque e que foi por diversas vezes acentuada por Freud, parece conduzir-nos a uma disjunção.¹ Esta cisão da vida sexual e da vida afetiva, que situa o neurótico perdido entre a santa e a prostituta, torna plausível que consideremos uma possibilidade no texto freudiano: a de que o sexual se manifestaria sobretudo nas pulsões parciais do enamoramento passional, enquanto o amor - terno e Um - seria, de certo modo, dessexualizado. O enamoramento apaixonado aparece como mais sexualizado que o amor, apesar deste ser tanto terno como sexual.

A partir deste contexto, podemos tomar a própria transferência como situada passionalmente: por pares opostos - positiva e negativa, motor e obstáculo ao tratamento -, incorporando em seu amódio a marca da violência da paixão. Neste sentido, a transferência é antes paixão que amor.

Entre o mito e a paixão

Sabemos, entretanto, que não podemos simplesmente proceder, aqui, a uma disjunção absoluta, pois não há enamoramento sem amor. Mas a paixão amorosa passa a ganhar tamanha proporção, que podemos nos perguntar o que seria o amor sem enamoramento. É justamente a este ponto que nos conduz Lacan resolvendo esta dificuldade/oscilação das indicações de Freud sobre o amor ao responder à questão acima com a seguinte proposição: 'O amor, sem a paixão, é apenas o mito do Um.² Não há disjunção simples entre amor e enamoramento que constituiria dois seres diversos, mas podemos distinguir o amor como composição mítica de uma totalidade, por um lado e, por outro a paixão amorosa cuja realização pulsional é exatamente sustentada por este mito.

Para melhor compreendermos este modo de abordagem do amor, que só será explicitada por Lacan tardiamente em *Televisão*, devemos retrazar sua origem rapidamente. Lacan já indicava uma partição entre amor e paixão desde seu primeiro seminário. O amor teria um componente de fascinação imaginária totalizante, esta, porém, não seria suficiente para dar conta daquilo que no amor visa um mais-além do espelho. Desde o seminário sobre os escritos técnicos de Freud, Lacan teoriza este "mais-além", cunhando a expressão *paixão do ser* para situá-lo. Neste universo fascinante do amor, Lacan insiste na subordinação da captura imaginária a algo mais que aciona e sustenta a pulsão, afirmando que a paixão de Werther, mesmo se seu desencadeamento é estreitamente associado à visão de Lotte com uma criança nos braços, paixão à primeira vista, sustenta-se em uma trama significativa. Os efeitos desta paixão recebem suas coordenadas desta trama e ganham sentido a partir dela.³

Esta estrutura se mantém do *Seminário I à Televisão*. Apenas, com a introdução do objeto a, a causa da paixão não será mais a trama significativa, agora apenas suas coordenadas, mas sim isso que no amado, mais que nele, insiste em causar meu desejo sem que eu possa dizer o que é exatamente.

Tomemos um ponto entre estes dois extremos: no seminário sobre angústia, por exemplo, a cena de inveja descrita por Sto. Agostinho, em que a criança dirige um olhar de ódio intenso a seu irmão que mama a seu lado no seio materno. Ela tinha sido introduzida no *Seminário 1* de maneira análoga à cena de Werther. Aqui será retomada por Lacan de outro modo. Não é mais o Outro materno elemento terceiro e ponto de fuga como tesouro significativo que leva à rivalidade e ao ódio com o irmão. Será o outro semelhante, quando suspenso e aparentemente completo pelo objeto, o seio, que desperta amor e ódio. É o outro agalmatizado pelo objeto *a* que desperta amor.

Acrescenta-se, assim, a pulsão e o objeto, mas mantém-se a estrutura: podemos percorrer os caminhos pulsionais de fixação libidinal nos significantes mestres do sujeito que contam a história de sua objetualização e encontraremos, sujeito, objeto e fantasia.⁴

O Mito do Um

Bem mais tarde, é o que nos interessa aqui, Lacan retoma a mesma clivagem de outra maneira. "O amor é apaixonante" afirma em *Les nons dupes errent*.⁵ É o mito do Um que permite a paixão, mas ela não é este mito. O amor não é mais a paixão, ele a desperta, passando de predicado a sujeito. A articulação agora é explícita: há uma tensão entre o Um de Eros e a paixão que não podem mais ser superpostos e introduz-se uma nova vertente para abordá-lo. Com efeito, Lacan desloca agora

explicitamente o amor da relação entre o afetivo e o sexual para a relação entre o Um e o Real. Se antes tínhamos a chave para abordar a objetualização do parceiro no amor, agora teremos a chave para desrealizar o mito e ainda assim manter a relação passional no horizonte.

Neste momento, a fórmula "dar o que não se tem", claramente vinculada à estrutura pulsional tal como ela aparece na experiência analítica será relida pela tensão entre o Um, não mais mítico, mas representado pela necessidade e o real, apresentado pela contingência com a seguinte fórmula: "o deslocamento da negação do cessa de não se escrever ao não cessa de se escrever, da contingência à necessidade, é o ponto de suspensão ao qual se vincula todo amor".⁶

Parece claro então que o amor é a miragem de uma relação sexual possível, estabelecida a partir de um encontro contingente. Ele tenta fazer deste contingente um necessário. Não é nada além de um sonho acreditar que neste encontro exista a mínima permanência, mas neste sonho funda-se o amor que, por sua vez, garante ao sonho sua perenidade por criar condições propícias ao encontro.

Temos então uma maneira abrangente de retomar o que estava colocado no seminário sobre a angústia. A angústia vem da não separação de a do Outro.

Se este sonho de permanência do Um amoroso dura, temos a angústia. A fantasia de um Outro materno não castrado se insere aí. Sem a distinção sujeito objeto não há sujeito, a falta falta. Só a extração de a permite a manutenção e possibilidade do sonho de completude.

A sexuação

Podemos agora, para chegarmos ao casal, uma vez que a estrutura do amor a partir do mito do Um já se descortinou, retomar as fórmulas da sexuação, pois aí se delineiam posições específicas de acordo com uma articulação determinada entre o Um e o real, que situa o amor a partir da amarração entre o vazio e o cheio, que causa o desejo e localiza o gozo, constituindo o objeto.⁷

De estrutura, o mito do Um tem duas valências que nas fórmulas de Lacan situam-se em linhas distintas. Ao invés de pensar em dois campos, esquerdo, masculino e direito feminino, pensemos em duas linhas. Vejamos a primeira:

$$- \quad \exists x. \overline{\phi x} - \forall x. \phi x$$

Podemos ler aí: Uma propriedade (ϕx) só consegue formar um todo ($\forall x. \phi x$) com uma exceção ($\exists x. \overline{\phi x}$), uma existência que se excetua do conjunto. Isto pode ser formulado assim: há todo, desde que haja exceção, ou ainda, a exceção completa o Outro. Passemos à segunda linha:

$$\overline{\exists x. \phi x} - \overline{\forall x. \phi x}$$

Na ausência de limite ($\exists x. \phi x$) não há todo, o todo não consiste, ou há não-todo ($\overline{\forall x. \phi x}$).

As duas linhas são essencialmente solidárias. A primeira constitui o todo e a segunda o barra, mas a segunda só funciona com a primeira. Em outros termos, só a partir do gozo fálico podemos pensar/inferir um gozo Outro. É no apagamento da segunda linha, que dá à primeira uma existência totalizadora, que se funda o Amor, como mito do Um. Aí se situa o Eros da pulsão de vida, puro agregado onde se fixa a inércia do imaginário da boa forma, perfeita e inerte.

Poderíamos atribuir à segunda linha um status algo análogo à pulsão de morte, matematização da irrupção do real, desagregando e permitindo novas possibilidades de agregamentos, desde que ela esteja atrelada à primeira. Isto porque sem o todo para que haja desagregação, temos apenas o fim do ser, nos confins do inexistente do gozo puro. Por este motivo a segunda também pode ser mito de Um, pois sem a primeira linha que configura o todo, a ausência de limite aparece apenas

como uma nova exceção e cai-se na posição histérica do "só há exceções". Apagar uma ou outra linha é fazer consistir o mito do Um, seja através do só há todo (com suas exceções), ou só há exceções (com a totalização das exceções).

Nesta última possibilidade, onde o sujeito se inscreve como aquele que não cessa de barrar o todo, inscreve-se a histérica. Assim a mulher tem lugar no discurso do outro como exceção, mas encontra um regime discursivo aparentemente seu que não é nada além de um caso particular da primeira linha, mas que se constitui como posição discursiva própria (discurso histórico). A segunda linha subordina-se, deste ponto de vista, à primeira, mas neste desdobramento reside a possibilidade da mulher inscrever-se na ordem fálica, como mascarada. Perde-se a estrutura que as fórmulas da sexuação vêm transmitir, do impossível da relação sexual, e ganha-se uma possibilidade de inscrição do feminino como outro sexo, configurando uma outra via para o todo simétrica à masculina. É preciso insistir que não falamos aqui da mulher, ou do feminino tal como ele aparece como estrutura não –toda acentuada por Freud e Lacan, mas sim do feminino como posições histerizadas da mulher na cultura fálica. Assim, a mulher é frappée de pas-tout em termos de Lacan, mas coordenada ao Tout, ele pode adquirir valência positiva.

Na cultura

A partir daí podemos compreender algumas posições históricas na cultura ou na clínica, que inserem nesta universalização da exceção própria à separação da segunda linha da primeira. Poderíamos começar pela posição do analista, tida por muitos como a posição da exceção por excelência, onde o "só sei que nada sei" socrático, ou a "a única verdade é que não há verdade", marcaria a recusa obstinada de todo e qualquer universal. É onde muitos situam a psicanálise, no narcisismo das pequenas diferenças onde a histerização da fórmula do "não ceder de seu desejo" encontra eco em "salvar toda e qualquer particularidade", ou no relativismo cínico do não havendo verdade, cada verdade é fruto da contingência. Nos dois casos, a única saída, já o indicou Lacan, é a ingenuidade ou a canalhice. Onde a insistência em preservar a exceção, cultural, indígena, histórica, democrática, do psicanalista etc. serve de mote para que se construa um ídolo em homenagem ao mestre morto ou que se ocupe a posição do mestre na desfaçatez da denegação.

O real então não está na segunda linha, esta inscreve o real a partir de sua articulação com a primeira. A partir daí vemos que o mito do Um pode ter duas valências desde que se oblitere uma linha ou outra. (ou melhor, se faça da segunda linha um caso particular da primeira e da primeira um todo a ser fechado pela segunda). É justamente por obliterar uma ou outra linha que temos uma ou outra forma de acreditar na relação sexual que se dão essencialmente como complementares. Estas duas valências apenas aparentemente constituem uma simetria. É em sua dissimetria que fundam a possibilidade do acasalamento. Fazendo o Um. Teremos então uma série de oposições dissimétricas como Eros e Tanatos, Pulsão de vida ou de morte, Obsessivo e Histérica. Esta bivalência é justamente o último reduto do Um, o de acreditar na relação sexual. Pode-se abrir mão de todos os ideais, os nomes que fazem grupo (liberdade, igualdade etc.), mas não de uma polaridade inicial que engendra a vida, a continuidade. Como se o profundamente dissemelhante fosse profundamente semelhante. Está aí a essência do casamento, em seu sentido largo, que faz o cimento do casal da possibilidade da costura pulsional entre o todo e o não todo.⁸ O amor então é constituir uma complementaridade ilusória entre as duas linhas obliterando o intervalo entre as duas. É esse engodo que vem denunciar o aforismo lacaniano *não há relação sexual*.

Figuras da paixão

Examinemos melhor esta complementaridade. Trata-se de olhar a nossa volta e perceber o quanto o amor deve ao casal patriarcal situado como o encontro de um Homem, assentado sobre o todo do significante, onde só há regras universais e exceções que fundam as regras. Toda singularidade, indizível, é aqui tratada como uma particularidade, uma exceção à regra que tem seu lugar no discurso, mas que perde seu valor singular. Este Homem se endereça a uma Mulher, que cede de sua relação verídica com o real, aceitando que sua singularidade seja lida como peculiaridade, capricho etc.

Temos aí sempre o encontro de um homem incapaz de defender as proposições universais das quais ele se autoriza e uma mulher decidida a não consentir com nenhuma. Pensemos em Oтелo, que acredita na traição por dedução racional, mas por não levar em conta da exceção mínima se engana. Outras articulações entre o Todo e a exceção são também possíveis: O gostoso que acredita que as mulheres só chegam ao Todo através dele, a periguetete acreditando que todos os homens estão prontos a ceder de sua relação como Todo por ela, o otário que acredita no todo (o que, no nível das relações, constitui-se como o dito corno manso, que acredita sempre que a sua mulher é a Mulher, e que portanto diz a verdade toda); ou ainda a mulher de malandro prestes a tudo por seu homem e nisso encontrando o Todo.⁹

Vemos, assim, que o sujeito só é vivo se for objeto ou, dito de outra forma, só se goza com relação a um objeto que só se desprende do Outro a partir do Um.¹⁰

L'insu que sait

A partir destas considerações podemos nos perguntar. Há outra possibilidade a não ser esta, a do amor? Sabemos que Lacan indica um novo amor, mas como se o amor parece implicar necessariamente na crença na relação sexual e na assunção de algum destas posições, ou outras, todas elas, fazendo o Todo consistir? Afirmar que sim é deslocar-se no horizonte do real do sintoma, não mais tido unicamente como mensagem a ser decifrada. Pois o que se pode esperar da análise é suportar o real de um sintoma que não faz cadeia, que não se articula como mensagem, ou seja, que se sustenta fora da transferência - já que é na transferência que o sintoma ganha sentido, e não mais supor que este sintoma fará nó de casamento com o Todo, entrando na cadeia do casamento.

Temos então um convite a examinar as referências de Lacan no que concerne a passagem de 'só se goza através do falo' a 'só se goza com o sintoma'.

Recapitulemos: a estrutura do amor desvela o que Freud ensina sobre a transferência. É preciso acreditar no mito para obter algo de real. Há que se acreditar na relação sexual senão não há encontro, mas então como se estrutura esta outra via onde se insere a psicanálise? Como fazer deste amor uma porta para o real? Como suportar um sintoma real, fora da transferência? Coloquemos a questão ainda de outra forma. É preciso ser tolo (*dupe*) para poder amar/viver. É preciso a ignorância (vemos como as paixões do ser são indissociáveis) da castração. É preciso não saber para sonhar, acreditar na miragem do Um para encontrar este pouco de real. Não saber o quê? Do inconsciente, que revela esta estrutura. Mas como não saber do inconsciente e ao mesmo tempo sabê-lo, ponto onde se insere a psicanálise?

Neste registro, estamos retomando o indicado no início, o “um mais a”, como “um mais *sinthoma*”, situando um nó, um enlace entre amante e amado que poderia fazer laço, mas sem não fazer Todo.

Se isso for possível, situa de saída a impossibilidade da relação sexual e de relegar ao casamento, ao amor e à felicidade seu papel secundário (secundário aqui no sentido de um segundo momento do ponto de vista da estrutura). Se situamos o sintoma como nó da parceria, poderíamos relegar o

Nome-do pai ao segundo momento do enlace, sua experiência imaginarizada como a do chefe da família, assim como o laço do nó como o amor dos casais.

Podemos então agora interrogar o real do sintoma a partir do amor, sem abordarmos a parceria a partir do casal.

Podemos examinar então uma forma de relação/parceria que me parece bastante instrutiva a partir do título do seminário de Lacan *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*¹¹. A este título é impossível fixar Um sentido, mas podemos privilegiar dois destes.

O primeiro se liga à homofonia: Pode-se ouvi-lo como *L'insuccès de l'Une-bévue c'est l'amour*, "O insucesso do inconsciente (*Une'bévue*, um-vacilo, como Lacan traduz *Unbewuste* de Freud,) é o amor". Esta frase corrobora e sintetiza o que vimos até aqui.

Este título pode, porém, nos ensinar muito mais. Dissemos que é preciso um certo não-saber para viver, mas isto parece contraditório com a psicanálise, pois, neste caso, seria um não-saber específico, o não saber do inconsciente, um saber que não se sabe.

Então, parece que a psicanálise proporia algo novo: um novo amor e um novo saber, que tem necessariamente a estrutura de um saber que não se sabe. A partir daí podemos propor, seguindo uma via mais literal, a seguinte maneira de se ler o título de Lacan: *de l'une bévue que sait l'insu c'est la mourre*. "Algo do inconsciente, que sabe o não sabido, é a *mourre*".

A mourre

Neste ponto interessa-nos sobremaneira o que vem a ser esta *mourre* que Lacan insere em seu título e a qual faz referência em diferentes momentos de seu ensino. Trata-se de um jogo. O termo vem do latim *mora* que através do italiano *morra* chegou à *mourre* em francês. A etimologia do termo não remete a um jogo, mas tem o mesmo radical latino de *demora*, ou de juro de *mora*, que corresponde a algo fixado com atraso, assim como a uma suspensão.

Apesar de inúmeras variações, o jogo se situa entre o par ou ímpar e nossa « porrinha ». Cada participante deve exibir com seus dedos um número de zero a dez ao mesmo tempo em que seu parceiro o faz e ambos dizem o número que, segundo cada um, corresponderá à soma dos dois números exibidos. O jogo pode incluir um número indefinido de participantes, o que tem todo seu interesse, mas nos centraremos no modo mais comum e mais diretamente próximo da experiência comum da relação amorosa, à sua variante com apenas dois participantes.

Em um primeiro momento Lacan faz referência ao jogo como o nosso pedra-tesoura-papel, destacando como ele encerra uma infinitude circular em seus resultados: a pedra quebra a tesoura, que corta o papel, que embrulha a pedra, que quebra a tesoura...¹²

Em um segundo momento, Lacan faz referência à *mourre* ao aludir às suas três variantes como três elementos de um nó a três, em analogia com o que haveria operado a personagem de M. Duras Lol V Stein se reconstituindo em um *ser-a-três* com dois outros personagens.

Cada uma dessas indicações merecia longa exploração, que deixaremos de lado por visar a última indicação de Lacan quanto a esse jogo, em que é o aspecto de articulação entre saber, acaso e destino.¹³

Neste contexto, do seminário *L'insu*, o que será destacado é a variante "porrinha" do jogo ou jogo de palitinhos. Os dois jogadores escolhem um número que representará a soma dos dedos exibidos por cada um dos dois e o dizem ao mesmo tempo em mostram sua opção com seus dedos.

Quando um jogador acerta a soma pode dizer-se que foi sorte, ou que foi o destino que assim o quis. Ao longo de várias jogadas, porém, pode ser tomado pela invencível sensação de que "leu" a

mente do parceiro, ou ainda de que ambos têm algo em comum, por exemplo, se os dois gritam o mesmo número, ou exibem a mesma quantidade de dedos. Pode seguir com uma versão mais individualista, tomando seu parceiro como oponente, ou pode pensar que os dois estão unidos pelo jogo e pelo fato de que não há acaso, apenas destino.

Se meu número deu certo eu o sabia sem saber. Só sei quando as mãos se abrem, mas este saber contingente, se apresenta como necessário. Jogo com um saber não sabido que é validado pelo saber contingente do acerto.

Esta relação indica um cimento libidinal, amoroso, portanto, que não é mais fusão, que precisa de dois que não mais perfazem Um. É nesta relação em que a estrutura "um mais a" encontra uma via de efetivação nova. Joga-se um jogo onde as regras são apenas meio sabidas e onde ele tem a vantagem de conhecer seus números, mas isto apenas enquanto ele joga e aprende a cada vez que seus números são marcados.

Só se é jogador por estar jogando e não por um "ser" de jogador que teria sido descoberto ou mesmo um de "saber jogar". Mas é neste jogar que se realiza a pulsão como encontro desconstruído.

Podemos tentar superpor esta parceria ao encontro de um analista e um analisante. O analisante pode vir a amar a análise, mas através do mito do Um. Joga-se porque quer-se aprender regras que o analista não ensina, só joga. Ama-se o analista e vincula-se a ele os laços libidinais objetalizando-o. Ao se apreendê-las pode-se jogar com qualquer um, liberta-se da transferência então. É justamente este poder jogar que situa o sujeito como analista, no ponto onde é possível continuar no mundo e nas parcerias sem a escora do mito do Um.¹⁴

Uma ética do contingente se depreende. Somente enquanto jogo sou jogador, somente segundo certas regras que são a cada vez inventadas.

L'amour c'est passionnant (...) mais ça implique qu'on y suive la règle du jeu. (...) C'est peut-être ce qui manque: c'est qu'on a toujours été dans une profonde ignorance, à savoir qu'on joue un jeu dont on ne connaît pas les règles. Alors si ce savoir, il faut l'inventer pour qu'il y ait savoir c'est peut-être à ça que peut servir le discours psychanalytique.

¹ Cf. p. ex. " "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor" e "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens" Freud, S. *Standard Edition*, Londres, Hogarth Press, 1973, vol. XI).

² Essa é a crítica que Lacan fará a Freud em *Televisão*: este *Liebe*, transmutado, a partir de 1920 em "Para além do princípio do prazer", em mito de Eros, da união, da vida, oposto a Tanatos, é o mito do Um onde cai Freud (cf. *Télévision*, Paris, Seuil, 1974, p. 41).

³ "Aprendam a distinguir o amor como paixão imaginária do dom ativo no qual ele se constitui no plano simbólico", Lacan, J, *Le Séminaire, Livre I, (Les écrits techniques de Freud)*, 1953/54, Paris, Seuil, 1975, p. 304.

⁴ Seminário X

⁵ "Le Séminaire Livre XXI (*Les non-dupes errent*)", 1973-1974, (*inédit*) séance du 12/3/74.

⁶ Lacan, J, *Le Séminaire, Livre XX, (Encore)*, 1972/73, Paris, Seuil, 1975, p. 132.

⁷ Nossa referência fundamental para toda esta seção e a seguinte é Jean-Claude Milner em *Os nomes indistintos*, Rio de Janeiro, Cia de Freud, 2001. A ele devemos a maior parte das proposições originais expostas nestas seções e a leitura das fórmulas da sexualização de Lacan.

⁸ Outras vias para este cimento são o ódio e a ignorância, todos os três constituintes fundamentais do casal.

⁹ Tomamos aqui alguns tipos criados descritos por Milner e acrescentamos outros Cf. Milner, J. C, *Ibid.*

¹⁰ A estrutura é outra nas paixões do ser, onde amor ódio e ignorância fazem o sujeito obliterar o Outro somente após terem completado um tour pulsional, onde não se é mais o mesmo, onde algo do real alterou as coordenadas anteriores (não poderei desenvolver este ponto remeto a meu livro *A ética da Paixão* (Vieira, M. A> Rio de Janeiro, JZE, 1998).

¹¹ "Le Séminaire Livre XXV L'insu que sait de l'une bévvue s'aile à mourre, 1976-1977, (inédit).

¹² « Comme au jeu de la mourre, de la morra où ciseaux, pierre et papier se gagnent en rond indéfiniment, pierre brisant ciseaux, papier enveloppant pierre, ciseaux coupant papier, vous pouvez énoncer, en une analogie, qui recèle assurément quelque chose de plus complexe, que les trois termes de mes derniers discours (...) sous les rubriques du sujet, celui que j'ai mis le plus de soin à aiguiser, pour votre entente, du savoir, ce dont il s'agit sous le nom d'inconscient (...) Le sexe, enfin, dont ce n'est pas non plus hasard, ni hâte si, n'ayant marqué la dernière fois, dans tout son relief, que le sens de la doctrine freudienne est que le sexe est une des butées, autour duquel, autour de laquelle tourne ce rapport triple, cette économie, où chacun de ces termes se renvoie de l'un à l'autre selon un rapport qui, de première approche, peut sembler être celui par lequel je vous l'introduis, d'un rapport de dominance circulaire » (19 mai 1965).

¹³ Op. Cit. "Le Séminaire Livre XXI (Les non-dupes errent)", 1973-1974, (inédit) séance du 12/3/74.

¹⁴ Lembremos a indicação de Lacan: *Encore me faut-il pour m'y maintenir au vif de ce qui m'y autorise, ce procès toujours le recommencer* ("L'Étourdit", Scilicet vol. 4, Paris, Seuil, 1974, p. 50).